

Elaine Castro

A mão que afaga

A Estela Cardoso (mãe) é condicionada no trabalho de telemarketing a citar todos os protocolos da empresa durante suas ligações, não demonstrando qualquer tipo de sentimento como se fosse uma máquina. E leva esse condicionamento na falta de demonstração de sentimentos para casa. E o reflexo dessa falta de um envolvimento mais afetivo é passada para o seu filho que também age de forma robótica.

Em uma das ligações que faz durante o dia, um dos clientes lhe causa um choque dizendo que ela deve ser feia, portanto, não deve ser casada.

Ao terminar a ligação ela começa a respirar de forma profunda e corta pra ela enchendo um balão de festa, o que remete uma sensação de que ela está de saco cheio de tudo aquilo e que pode explodir a qualquer momento. Uma das bexigas estoura, ou seja, ela não aguenta mais mesmo.

Na preparação da festa do filho. Ela liga para um serviço de animação de festas infantis e demonstra ter impaciência com a pessoa que lhe passa as informações de orçamento. É como se mostrasse a inversão de papéis dela como telemarketing oferecendo os serviços de vendas de cartão de crédito.

Dentro de casa está sempre tudo meio escuro, cortinas cinzas, escuro, cheio de sombras, não há animação, luminosidade.

No dia da festa, o filho demonstra desânimo e melancolia. Está vestido com cores frias que não remetem muita animação como, bege, cinza, marrom, não como uma criança animada que deveria estar usando cores quentes, como vermelho, amarelo, azul.

Ao receber os únicos dois convidados, pois, apesar dos convites terem sido entregues pelo filho, demonstra que ele não deve cativar as pessoas para que fossem à sua festa.

A educação sempre prevalece em todas as cenas, porém, sem nenhum afeto de uma abraço ou um beijo ou até mesmo um aperto de mão, que não caberia em uma situação de festa, mas demonstraria o mínimo de contato.

Na frase “PARABeNS LUCAS” grudada na parede, a palavra parabéns está sem acento, o que me remeteu a sensação de que está sempre faltando alguma coisa

A convidada Ana e sua filha Manuela chegam. Como a garotinha também é como Lucas, ou seja, uma pessoa calada, sem alegria e age de forma robótica. Demonstrou que foi por isso que só ela foi, houve uma identificação.

Ao receber o presente o menino não demonstra o mínimo de animação e ainda por cima ao abrir o presente se depara com um par de meias de ursinho. Algo bem frustrante para uma criança para se ganhar no dia do seu aniversário.

Estela coloca um chapeuzinho de aniversário na cabeça das 2 crianças, que ambas estão sentadas em frente a tv, catatônicas.

Ana tenta puxar assunto com Estela sobre a vida pessoal, questionando se os olhos azuis de Lucas veio da genética do pai. Estela tão condicionada desde o telemarketing a não responder nada da vida pessoal, desconversa e corta qualquer continuação sobre o assunto.

A recepção do homem vestido de urso para animar a festa de aniversário, também é bem fria. A cena que ele entra e ela permanece de costas mostra justamente essa relação.

O homem vestido de urso, também segue seu protocolo robótico, e não há sentimentos em suas palavras ou gestos, nem em sua dança.

Os convidados, Estela e Lucas só observam, sem nenhum gesto ou sorriso.

Num momento que o urso dança e a câmera corta pra Estela, ela está próxima à cortina cinza, um dos lados dela está escuro, passando a ideia dela estar sempre sem nenhuma emoção.

Na hora de cantar o parabéns, o qual foi preciso avisar pois Estela e Lucas condicionaram as mãos para as palmas próximo a mesa do bolo. Ao invés de clima de festa, parecia mais um filme de terror, e o urso catatônico ao fundo reforçava mais ainda essa sensação.

O urso começou a fazer brincadeiras com as 2 crianças sentadas ao chão, que continuavam a não demonstrar nenhuma expressão.

Enquanto Ana comia bolo e falava para Estela de sua dieta, o urso começou a encher uma bexiga. A câmera corta pra Estela que observa as mãos do urso enchendo a bexiga, o som da bexiga enchendo vai aumentando ao ponto de que a Estela passa a não ouvir mais o que Ana falava, a conotação que deu foi que ela estava de saco cheio de ouvir aquela mulher falando ao seu ouvido.

Quando os convidados vão embora e a mãe fala pra ele dormir. Lucas faz um carinho bem sutil ao rosto da mãe que se quer lhe dá um abraço, um afago, um feliz aniversário e o “parabéns” continua sem acento, continua faltando algo.

Ela acende um cigarro e senta-se ao lado do urso. Puxa conversa com o urso que diz só tirar a cabeça quando o serviço acaba. Nesta hora ela faz uma piadinha “Você só perde a cabeça quando o serviço?” E ela mesmo diz “sei bem o que é”. Acredito que a proposta foi querer dizer que no trabalho dela ela também não pode perder a cabeça.

Quando ela começa a contar para o urso sobre seu trabalho de telemarketing. Há um lado feminino dela que parece gritar, pois ela observa as mãos do urso que estão impacientes alisando as próprias pernas. Ela pergunta a idade e nome dele.

No momento que ela diz que fala com umas 1000 pessoas por semana e umas duzentas por dia, parece que ela tenta afirmar, se vangloriar de como ela fala com tanta gente, porém, o tom de voz dela fica tristonho quando ela percebe que se encontrasse na rua não reconheceria ninguém.

Quando ela pergunta para o urso se é bonita e uma bexiga estoura, me passa a sensação de que a paciência do urso com aquela conversa estourou também.

Quando o urso vai embora e ela fica no sofá sozinha, ela percebe que ele esqueceu uma das luvas. Ela então coloca a luva em uma das mãos e com sua outra mão afaga a outra.

Uma história linear. Segue uma dramaticidade através dos distanciamento afetivo. Uma pessoa sem carisma, tristonha, sem carinho, solitária. Não sabe demonstrar carinho para o seu filho, quanto mais para o próximo.. Alguns questionamentos ficam no ar. Do tipo Será que ela se transformou naquele ser introvertido, será que a ausência do pai do menino a fez ficar assim ou ela é daquela forma devido ao trabalho de telemarketing?

Apesar da ligação telefônica de uns dos clientes ter lhe abalado, de forma que fez ela se questionar para o Urso Eduardo, não houve uma reviravolta na história.

#### Filme Estátua

Frieza de relação entre mãe e filha. O filme discorre com situações que sugere ações negativas que são apenas visualizadas através de palavras ou imagens implícitas.

A primeira cena com a mãe se arrumando no quarto, mostra uma subjetiva, na minha opinião, dando a intenção de como se fosse a sua filha a observando entre os móveis.

Mostra o quanto a mãe é vaidosa, e se importa com seu visual de aeromoça, com uma cômoda cheia de maquiagem, bem organizada. A estética da sala tem muita informação, cores, listras. Porém, tudo muito organizada, não parecendo que há uma criança na casa, afinal está tudo tão organizado.

Enquanto a mãe e a nova babá Isabel conversam na sala elas o ambiente está bem iluminado. Quando a empregada diz que o bebê chutou em sua barriga, a mãe da menina não mostra qualquer sensibilidade ao que acaba de ouvir, e diz “É apenas o começo” como querendo dizer, depois todas dão o mesmo trabalho.

A mãe apresenta a babá Isabel e ressalta que ela carrega um “filhote” em sua barriga. O que no decorrer do filme essa frase é de grande importância. Pois uma das ideias é que filhotes naquela não tem um bom final.

A mãe já indica à babá dizendo o quanto a menina tem o hábito de se esconder, e roubar comida. Durante o filme é perceptível esse tipo de comportamento de Joana.

Acho interessante a mãe ter resolvido qualquer dúvida do porque a menina estaria em casa durante esse tempo todo, dizendo que Joana está em férias.

Na dispensa mais uma vez tudo muito organizado, rótulos de produtos perfeitamente alinhados e uma única lata de comida para cachorro no meio de tudo. (lembrei do filme Dormindo com inimigo)

Na cena que a babá vai ao quarto de Joana para lhe chamar para comer, a menina está olhando para a escuridão de fora da janela. Olhando pro vazio.

Na cena da mesa de jantar, pouco iluminada. Isabel fica sabendo pela garota que eles tiveram um cachorro ainda filhote que se chamava Jorge e morreu. A babá que também carrega um bebê em seu ventre fica tensa através do olhar parado na horizontal.

Na cena da sala, enquanto Joana toma banho e a babá aguarda a sua mãe ligar no telefone fixo.

Isabel para na frente de uma estante e pega um porta retrato de uma criança, possivelmente Joana quando bebê(filhote) ela então entra como uma espécie de transe e começa a ficar um pouco ofegante e fica um parada olhando para a foto e só retorna pro mundo real quando o telefone toca. Uma tensão vai se criando.

Enquanto a babá conversa com sua mãe pelo tel. Ao fundo, com pouca iluminação, surge Joana, de forma sombria, parada. Em contrapartida a babá acaba de dizer à mãe que a menina é “um anjo”.

Na cena que a babá está no quarto acordando Joana, e a menina pede para ela se sentar. Inicia um conflito de estranhamento na mente da babá sobre o comportamento de Joana.

A babá tenta, por telefone, chamar a responsabilidade do pai sobre a criança que carrega em seu ventre. A babá vai ficando tensa com o desdém que o pai demonstra e começa a ficar ofegante e termina a ligação assim também. Joana entra na sala com um desenho nas mãos e diz ser ela e a babá. A babá se sente incomodada com aquilo, pois, não tem a barriga dela no desenho. Nessa cena o incomodo que já vem com o desdém do pai ao telefone, e o desenho dela sem o seu bebê na barriga, começa a aumentar. Dando a entender que a dramaticidade da cena está crescendo.

Ao ir brincar com a Joana de estátua. A babá ainda continua se sentindo estranha, demonstra estar em desconforto físico e psíquico. A menina pulando sem para na frente dela, aquela música repetitiva alta, tudo vai agregando a criar um clímax.

A babá tensa, resolve parar a brincadeira de estátua e Joana permanece parada. Mas a babá fica irritada e segurando os braços da garota grita com ela. A garotinha faz carinha de raiva e sai correndo para o seu quarto.

Quando a babá chega no quarto para se desculpar percebe. A menina de forma incessante bate na jaula d seu ramster e diz a babá que o bicho morreu. O que remete a lembrança do seu cão que ainda filhote morreu também. Logo pensamos que em momentos de frustração a menina mata seus animais de estimação.

No quarto da babá, uma subjetiva demonstra que a menina entra no quarto sem a babá perceber. A babá olha para um lado, mas a menina está do outro, lhe causando um susto.

Joana pede para tocar a barriga e diz que o bebê rouba a comida que a babá ingere, portanto, a bebê que carrega é má. Nesse momento é justamente o que a mãe de Joana disse a babá sobre o roubo de comida a menina está em plongée, de forma inferior. Demonstra que a mãe deve ter que causado um trauma com essa atitude.

No banho a babá aparece estar angustiada. Movimentos rápidos, frenéticos são feitos com o chuveirinho, um som de um volume maior de água acontece. O que deixa a entender que ela causou ou tentou causar um aborto.

Ela fica em choque e liga pra mãe pra dizer que o bebê parou de mexer. Diz também que a culpa é da menina, afinal tudo que a menina toca morre, igual aos bichinhos de estimação.

A casa está sempre mais escura, pouca luz. E a babá procura a garota pela casa pra avisar que vai embora e que já deixou mensagem no celular da mãe de Joana avisando.

Joana vem, de forma sorrateira, do lugar mais escuro da casa. E grita com a babá dizendo querer que ela brinque de estátua.

O final do filme me deixou muito confusa, sobre o que poderia ter acontecido. Pois no momento que a menina a abraça, ela está com as mãos na metade do corpo e depois mostra a babá de mãos para cima. Sons de metais ao final, me remeteram a morte, pois quando Joana matou seu bichinho também batia no metal da jaula.

O filme é mais um drama com doses de suspense. Deixa um final aberto para reflexão do que teria acontecido.